

**ANTOLOGIA DE PALAVRAS:  
UMA COMBINAÇÃO HARMÔNICA  
ENTRE RIMAS E VERSOS À LUZ DO MODERNISMO<sup>30</sup>**

*Edinalva da Silva Dias (UERR)*  
*Leilimar Silva Figuerêdo (UERR)*  
[leilimarfigueredo@hotmail.com.br](mailto:leilimarfigueredo@hotmail.com.br)

A literatura é o instrumento que o artista lança mão para criar e recriar a realidade que o cerca, seja por temáticas como, a natureza, o mundo, sentimentos e a beleza. Assim, pode-se afirmar que ela permite ao leitor diferentes interpretações acerca de uma criação literária. Seja por meio de poemas, contos, fábulas entre outros gêneros que implicam reflexões individuais em volta de qualquer tema abordado pelo escritor.

Deste modo, é possível sustentar a ideia da amplitude que o campo literário possui, uma vez que, os escritores veem o mundo em conformidade com a época em que vivem motivos pelos quais muitos deles expressam seus olhares e críticas.

A arte da literatura reflete e revela valores, costumes e a realidade de determinada época, marcada por constante evolução. Assim sendo, a produção literária é composta por vários momentos literários influenciados pelas mudanças ocorridas em cada passo dado pela sociedade. Visto que as fases da literatura são assinaladas por transformações coincidentes à ascensão de outros estilos e representadas pela ruptura da produção anteriormente valorizada pelos escritores.

Destarte, é necessário destacar que o Modernismo veio à tona justamente para promover esse desligamento da literatura produzida na Europa, uma vez que, ainda existiam influências europeias na escrita da literatura brasileira. Dessa forma, o Modernismo teve seu marco inicial com a Semana de Arte Moderna em 1922, na tentativa de expandir no país uma arte de cunho nacional, algo que transpusesse a produção literária no Brasil.

É importante mencionar que esse movimento foi dotado de tendências com o objetivo de abolir a forma estética, pois os escritores pos-

---

<sup>30</sup> Artigo produzido com base em três poemas extraídos da obra *Vocais dos Mitos*, de George Farias, analisados à luz modernista.

suíam a liberdade de expressar-se da maneira que considerasse mais relevante, sem suas produções limitadas a padrões formais de escrita.

A partir do século XX o mundo foi marcado por um período de desenvolvimento científico, tecnológico e industrial, dos quais são exemplos a eletricidade, o avião, a teoria da psicanálise, de Freud, entre outros. Os países passavam por constantes crises: cultural, política e econômica. Pode-se destacar no Brasil o processo de industrialização e urbanização, o aumento de imigrantes europeus, Partido Comunista, Ditadura de Vargas em meio a outros acontecimentos que contribuíram para as transformações do país. (NICOLA, 1987, p. 190).

Neste cenário de grandes mutações, a Literatura sofreu fortes influências, principalmente no Movimento Modernista caracterizado como sincretista por apresentar uma mistura de tendências literárias. Seguindo este panorama, os escritores tiveram a liberdade de escrita sem preocuparem-se com a estruturação dos versos, rompendo com estilos literários vigentes da época, mais precisamente, o parnasianismo e o simbolismo. Além disso, alguns escritores enveredaram pelo caminho da denúncia social mostrando o verdadeiro documento da realidade vivida pelo povo brasileiro e atingindo um grau de tensão nas relações do “eu” com o mundo.

Por conseguinte, é na sintonia da miscelânea de estilos e tendências com peculiaridades próprias, contornados por figuras de linguagens que os três poemas intitulados, “Mar, céu, Vento”, “A estrada é reta” e “Nem um pouco”, do escritor George Farias, analisados no presente trabalho, são dotados de características modernistas, mas cada um com forma de escrita e temática distinta.

Encontram-se nos referidos poemas traços de diferentes momentos da produção literária nacional. Dentre eles, podem-se destacar características modernistas, concretistas, entre outros. Deste modo, parte-se para a análise dos poemas que retratam a dicotomia: universalismo e existencialismo, da poesia pensada versus inspirada, responsáveis pelos diversos vieses de interpretação do leitor.

Dos poemas estudados, o concretista, faz da obra, “Vocais dos Mitos”, uma mistura de tendências e sabores capazes de aguçar os mais diversos paladares do leitor, acentuando uma experiência sinestésica. O poema concreto é originário de um movimento literário surgido no século XX com marco simbolizado pela Exposição Nacional de Arte Concreta no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo em 1956. Tendo

como principais autores Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari. Já editavam havia alguns anos a revista *Noigrandes*, em que elaboraram a nova estética (GUIA DO ESTUDANTE, 2009, p. 11).

Dessa maneira, a poesia concreta é marcada por algumas características típicas dessa tendência literária tais como: rejeição do verso tradicional; exemplificado no poema em análise, “Mar, céu, Vento”; explora palavras soltas, não seguidas de estrutura linear dos versos.

Nessa assertiva, observa-se que as palavras do poema concreto são estruturadas por versos sinuosos; pode ser lido, ouvido e visto; quebra da versificação, leituras múltiplas. Deste modo, nota-se além da quebra dos versos, as várias possibilidades de leitura, de baixo para cima, vice-versa, de lado, em forma de ziguezague, dentre outras maneiras; poema pensado, não há inspiração, não é romantizado; explora vários níveis da palavra (sonoro, sintático, semântico, morfolexical e grafêmico).

Referente a esse último nível, grafêmico, verifica-se que a grafia das palavras ganha movimento no vai e vem do processo de escrita desses vocábulos; disposição geométrica das palavras na página; é possível perceber que os espaços entre as palavras, adotam formatos geométricos, como o triângulo.

No que se refere às figuras de harmonia, repetição de sons ao longo dos versos que causa a sonoridade das palavras, no poema abaixo, há presença da aliteração. Completando essa assertiva, conforme Almeida (2009, p. 484), a “aliteração- ocorre quando fonemas consonantais se repetem ordenadamente na frase”. Definição essa representada nas palavras que compõem o segundo verso do poema, caracterizado pela sucessão da letra V.

Vento  
Vela  
Véu

Faz-se presente também, no poema concreto, a figura sonora denominada “paronomásia” de acordo com Almeida (2009, p. 484) ocorre “quando se aproximam palavras de sons parecidos, porém de significados diferentes”. Retratados nas palavras abaixo:

Seio  
Cela  
Sola

Ademais, a estrutura desse poema reporta a um adeus em câmera

lenta representado no último verso: “Movimento de mão”. É interessante frisar que a maioria dos poemas do autor são sínteses, não há pontuação e há excesso de substantivos características típicas da poesia de 22. Dessa forma, o poema de título “A estrada é reta”, construído a base de metáforas configura uma “alegoria” que conforme Goldstein (2004, p. 65), é conceituada como uma “sequência de metáforas, associando e aproximando elementos, que, normalmente não teriam nenhum parentesco”. Assim sendo, essa sucessão metafórica retrata acima de tudo a dureza da vida nesse universo habitado pelos homens.

O segredo é *aço*  
O caminho é *ferro*  
O cordão é *laço*  
Dinheiro *veneno*  
O juízo *traço*

No verso “o segredo é aço” é possível compreender como algo enigmático, quantos segredos não se sabem, que se fazem ocultos, difíceis de serem desvendados, são resistentes à corrosão, ao tempo, é “aço”. É segredo inquebrável, quando não se sabe quanto tempo de vida nos resta nessa terra. E o que dizer do caminho? “O caminho é ferro”. Nesse sentido, é plausível refletir nessa vida tão dura e cruel, permeada pela sequência de acontecimentos que nos cercam e, às vezes, parece tão duráveis quanto o “ferro”. E esse cordão em forma de laço?

É como se fosse os “nós” do nosso caminhar nesse universo, eles representam ainda os problemas que se organizam de forma hierárquica no viver diário. Pois, há sempre um problema maior predominante sobre todos os outros. Mas que podem ser solucionáveis com maior ou menor grau de dificuldade. Assim, “o cordão é laço.” Precisa ser desatado de qualquer modo.

Nas palavras parafraseadas do adágio popular diz que “dinheiro não traz felicidade, mas quer ver infelicidade fique sem ele”. Porém, nesse meio humano do qual o sujeito está inserido, é presumível sustentar que o dinheiro é alvo de corrupção moral. Basta olhar pelo ângulo político e os escândalos referentes aos recursos financeiros do país comprovam a ambição demasiada por esse “bem material”, que tanto perverte a conduta humana, o dinheiro adquirido de maneira ilícita.

Quantas vidas foram e ainda serão ceifadas em nome dessa pecúnia? Por isso, infere-se que o dinheiro é vento tempestuoso, usado de maneira inadequada. É “Dinheiro veneno”, quando ingerido de forma excessiva. E o que falar do juízo? Pode ser interpretado como ato de julgar

é “traço”, é linha que se entrecruza nos painéis da vida. Assim, “O juízo é traço”, é o percurso traçado pela história da própria humanidade. De modo que cada ser humano tem juízo traçado e responde pelos seus atos, se, bons ou ruins são julgados.

Outro poema que também expressa à vida moderna tem por título “Nem um pouco”, que trata da tecnologia. O “eu” brinca com o mundo tecnológico observados nos versos abaixo representados pelas palavras em destaque:

Se você falasse ao menos  
Pela *Net*,  
*Imprimia* o texto  
Em papel *chamex*,  
Faria uma leitura em Praça Pública,  
Com direito a TV a cabo,  
Ou simplesmente  
*Vídeo-cassete*,  
Pra você se importar com o que eu penso,  
Pra você reconhecer o meu *Pentium*,  
E não se pentear para os outros  
Se você mandasse uma *mensagem fonada*  
Dizendo-me tudo.  
Mas, que nada,  
Nem um pouco

Ademais, apesar de todos esses recursos que o indivíduo tem para comunicar-se com o outro, o “eu-lírico” apresenta certo sentimento de abandono ao próximo, o próprio egoísmo do ser humano que se alimenta com o passar dos anos. Tendo em vista a falta de tempo para a comunhão com o outro até mesmo nos lares. Assertiva ratificada nos versos abaixo:

Se você mandasse uma mensagem fonada  
Dizendo-me tudo.  
Mas, que nada,  
Nem um pouco

Observa-se que o “eu” sente-se desapontado, pois tem uma expectativa de receber um recado ou mesmo uma mensagem, mas ele é esquecido pela rotina da vida. Tendo em vista que, as pessoas não conseguem parar um momento sequer para dialogar, trocar ideias, compartilhar dores e alegrias. Pode-se asseverar que a ausência do diálogo é talvez um dos maiores males do século XXI, onde as pessoas distanciam-se uma das outras cada vez mais.

Portanto, infere-se que os poemas analisados além de serem modernistas tratam de temáticas universais. Dentre os temas que os permeia,

um deles, refere-se ao adeus na despedida das pessoas na beira de um cais, no aeroporto, nas estações de trem, sugerido nas entrelinhas do poema concreto; da quebra da estruturação dos versos; das palavras soltas no papel como se elas ganhassem movimento e vida.

Retrata ainda sobre a dureza da vida; fala de tecnologia; da falta de solidariedade entre as pessoas, do tempo que parece insuficiente para resolver os problemas que o viver diário apresenta. Pois, cumprir com os compromissos se torna cada vez mais difícil no presente século, em razão da agitação do cotidiano moderno; do sentido da vida nesse universo. Enfim, do ser humano e suas várias fases de pensamento e atitude, da arte ser de poeta.

Reafirma-se que, “Vocais dos Mitos”, é uma obra repleta de temáticas universais, aborda acerca da estrutura do caminho, da longa estrada da vida e ao mesmo tempo tão curta, da sucessão de metáforas, da alegoria que forma o círculo do universo humano. Neste sentido, tais poemas permitem ao escritor manipular as palavras ultrapassando suas significações produzindo efeitos que vão além do imaginário. Desta forma, os poemas estudados, admitem ao leitor, captar por meio de seus sentimentos a realidade da sociedade em que vive, além de estimulá-lo para uma maior percepção do mundo cercado por uma diversidade de “eus” de modo que cada um possui suas próprias indagações e interpretações.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FARIAS, George. *Vocais dos mitos*. Boa Vista: Gráfica Real, 2003.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LESSA, Ana Cecilia. *Figuras de linguagem*. São Paulo: Atual, 1988.
- GUIA DO ESTUDANTE, *Literatura e vestibular*. 3. ed. São Paulo: Abril, 2009.
- ALMEIDA, Nilson Teixeira de. *Gramática da língua portuguesa para concursos, vestibulares, ENEM, colégios técnicas e militares*. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo: Ática, 2004.
- NICOLA, José de. *Literatura brasileira: as origens aos nossos dias*. 6. ed. São Paulo: Scipione, 1987.